

## **A EDUCAÇÃO DOS ADULTOS TRABALHADORES EM DEBATE: ESPECIFICIDADES, DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA (RE)CONSTRUÇÃO DOS CONHECIMENTOS**

MONICA RIBEIRO MELLO (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITORIA), CLEA BARCELOS ROCHA (ESCOLA DE GOVERNO- PROGRAMA DE ESCOLARIZAÇÃO- PMV), ROSANA OLGA SARTORI (PREFEITURA MUNICIPAL DA SERRA).

### **Resumo**

A partir de um levantamento dos registros docentes, das produções e debates vivenciados na educação dos adultos que trabalham na Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) ocorrida em diferentes espaços tempos durante o ano letivo de 2008 no Programa de Escolarização desses Servidores do Município de Vitória-ES, buscamos alguns apontamentos que problematizam as nossas certezas pedagógicas e nos desafiam a ampliar a prática de estudos, pesquisas e (re)construção de nossos conhecimentos envolvendo diferentes saberes/fazeres no processo de atuação nos espaços educativos. Sendo assim, buscamos a interlocução dos registros docentes (escritos/fotográficos), respaldos legais, documentos municipais e fundamentos teóricos para mediar nossas ações. Iniciamos a nossa discussão localizando o leitor sobre o que é o Programa de Escolarização dos Servidores. Num segundo momento, buscamos abordar algumas produções desenvolvidas na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Em seguida, passaremos a envolver a interlocução com os registros docentes, enfocando alguns fragmentos dos discentes que protagonizam as nossas ações educativas para debater a necessidade de especificidades nas produções da educação de adultos trabalhadores. A partir destas interlocuções aprendemos que o trabalho com os adultos necessita de aspectos específicos, que envolva o respeito do ser adulto que tem como ferramenta o trabalho e não o brinquedo como a criança; o dialogo como ferramenta permanente, sempre partindo do conhecimento do aluno para depois sistematizar os conteúdos como possibilidade de validar estes conhecimentos; materiais didáticos e recursos que devem ser (re) construídos; espaços que não devem se limitar na sala de aula, entre outras possibilidades que dependem de cada turma, de cada aula.

### **Palavras-chave:**

Educação dos adultos trabalhadores, (re) construção de conhecimentos, especificidades.

## **1. INTRODUÇÃO**

A escolarização dos servidores da Prefeitura de Vitória, durante vários anos, esteve voltada para algumas tentativas de alfabetização, como por exemplo: o projeto *Por uma PMV alfabetizada*[1] (2004), com medidas paliativas na pretensão de erradicar o analfabetismo no município.

Em 2007, após uma reunião realizada na Escola de Governo[2] envolvendo representantes da própria instituição, do Sindicato dos Servidores Públicos do Município de Vitória e das secretarias municipais da Educação, Assistência Social, de Trabalho e Geração de Renda, da Segurança Urbana, da Saúde e da Secretaria Municipal de Administração, foram apresentados pela própria secretaria de

Administração alguns dados estatísticos que constatava o alto índice de servidores com baixa ou nenhuma escolaridade.

Com base nestes dados, a Escola de Governo de Vitória na sua proposta de política articulada e numa construção coletiva com profissionais das secretarias mencionadas, elaborou a proposta do Programa de Escolarização/Formação/Profissionalização dos Servidores Públicos Municipais de Vitória. Entre setembro e outubro de 2007 foi realizada outra pesquisa[3] constatando que dos 429 servidores entrevistados, 85% demonstraram o desejo de voltar a estudar.

Foi assim que em 2007 surge o Programa de Escolarização dos Servidores, onde dezenove servidores da Secretaria Municipal de Obras/GMS passaram a compor a primeira turma do primeiro segmento, com funcionamento no próprio local de trabalho. Em 2008, mais três turmas do primeiro segmento foram formadas com funcionamento na Escola de Governo, totalizando um número de 65 (sessenta e cinco) educandos matriculados.

No entanto, o espaço de funcionamento da escolarização não representa o mesmo espaço onde os educandos estão matriculados, pois são alunos de uma das Unidades de Ensino da Prefeitura Municipal de Vitória, "Maria Stela de Novaes", onde a aplicação da verba para material didático e questões administrativas (passe escolar, carteira de estudante, uniforme, entre outras) estão vinculadas a aspectos burocráticos ligados a Instituição Escolar supracitada. No primeiro momento de atuação (em 2007) recebemos alguns livros da Secretaria de Educação de Vitória da coleção "Viver, aprender: educação de jovens e adultos", material que, em princípio, parecia à panacéia para todas as nossas carências de recursos materiais, mesmo porque ainda não contávamos com a verba da unidade escolar.

Inicialmente havia a atuação de apenas um educador, tendo em vista a existência de uma única turma. O espaço onde as aulas aconteciam, situado no ambiente de trabalho, dificultava o debate entre os alunos devido à proximidade com a chefia imediata. Todavia o fato do espaço ser o mesmo do local de trabalho facilitava o acesso e a frequência às aulas.

Neste período, recebemos poucas visitas da equipe do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) composta de três integrantes e com várias atribuições no processo de coordenação da EJA no município, principalmente a implementação da modalidade que ocorreu neste mesmo ano. Enfim, tudo era novo, recôndito, com poucos recursos (principalmente humanos) que serviam de entrave para uma melhor educação daqueles (as) homens e mulheres trabalhadores (as) em processo de escolarização.

Aqui cabe ainda mencionar a experiência docente no Núcleo de Educação de Jovens e Adultos (NEJA) do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo no decorrer do ano de 2007, onde aconteciam momentos reflexivos da formação docente, permitindo que as ações de sala de aula fossem compartilhadas,

desafiando-nos a buscar novos olhares e novas possibilidades de educação para aqueles sujeitos representados na sua grande maioria pelos seguintes profissionais: Auxiliar de Serviços Gerais, Cozinheira, marceneiro, entre outros segmentos que se sentiam desvalorizados perante os demais funcionários, como relata um de nossos estudantes na primeira tentativa de sair do espaço de sala de aula para uma comemoração dos funcionários públicos:

A gente não é igual a eles não [...] Eles são todos arrumados, eu não quero mais ir naquele lugar onde todos são chiques, nós somos gente pobre, trabalhador que pega pesado, aquele lugar não é para gente, aquela festa não é pra gente (registros de campo, estudante Carlos, 2008).

Começamos assim, a perceber que atuar na escolarização de adultos, exigia pensar nas especificidades, compreender a relação do trabalhador com as pessoas que falam de um modelo de sociedade hierarquizada, onde as desigualdades estão presentes a todo o momento, separando letrados e iletrados, negros e brancos, ricos e pobres, entre outros grupos excluídos não apenas da educação, mas de outras instituições criadas pelo sistema vigente, cuja perspectiva é a formação e a manutenção das classes[4].

No ano de 2008, algumas barreiras outrora mencionadas foram ultrapassadas, o número de alunos ampliou, exigindo um aumento no número de professores, assim como a presença de uma coordenadora para o Programa de Escolarização dos Servidores cuja experiência viesse ao encontro dos anseios discentes, acumulado entre os estudantes e com estes, como forma de pensar numa ação coletiva e articulada às produções pedagógicas que eram planejadas para/ pela e na perspectiva da educação dos adultos como o eixo temático trabalho/cultura.

Assim, passamos a evidenciar que os protagonistas de nossas práticas educativas deveriam ser os indicadores de nossas ações, ou seja, os nossos estudantes, pessoas que sempre estiveram excluídas do processo de escolarização e hoje, a partir de uma nova possibilidade de acesso ao direito à educação, respaldada por garantias legais, passam a revolucionar as nossas práticas educativas, problematizam as nossas certezas pedagógicas e nos possibilitam potencializar o imprevisível, o desconhecido, ampliando diferentes *saberes/fazer*s.

## **2. POSSIBILIDADES E ALTERNATIVAS DE CRIAÇÃO DOS RECURSOS DIDÁTICOS: respeitando as especificidades da educação dos adultos**

Ao iniciarmos o ano letivo de 2008 buscamos efetivar as nossas intervenções a partir da modalidade de Educação de Jovens e Adultos:

O termo modalidade é diminutivo de *modus* (modo, maneira) e expressa uma medida dentro de uma forma própria de ser. Esse modo próprio de constituição da EJA assenta-se na tradição da Educação Popular que tem como princípio estruturante os sujeitos do processo educativo (In: Proposta de Implementação da Modalidade EJA no Sistema Municipal de Educação de Vitória- 2008).

Os sujeitos desta modalidade inseridos no Programa de Escolarização são constituídos por adultos Servidores da Prefeitura Municipal de Vitória, pessoas que não tiveram acesso à escola ou dela se afastaram antes de concluir a 4ª série do ensino fundamental, privados do acesso à educação e que passam a compor as quatro turmas do primeiro segmento[5]. Durante as primeiras intervenções sentimo-nos desafiadas a buscar um processo contínuo de situações novas de aprendizagem, envolvendo os recursos didáticos, os conteúdos, as relações sociais e a história de vida de cada sujeito.

Sendo assim, uma das primeiras inquirições estudantes foi sobre a utilização dos recursos didáticos, queriam práticas de atividades tradicionais, pois eram práticas da escola que estudavam quando crianças, ou seja, atividades constantes no quadro, correção no caderno, cartilhas para fazer atividades, entre outras práticas.

As tentativas de uma prática diferenciada da escola que estes sujeitos tinham como modelo, suscitava várias reclamações, tais como: não aceitavam trabalhar em grupo; muita timidez em ler ou participar de um debate dos temas propostos; refutavam atividades que envolvessem documentários, filmes, visitas a exposições, palestras, entre outras. Os fragmentos descritos no registro de campo corroboram essa situação:

Hoje não vamos usar caderno? (estudante Luiz).

Qual é a matéria de hoje? ? (estudante Vera).

A gente hoje não vai ter aula não? Só conversamos e assistimos o vídeo? (estudante Ailton).

Professora eu queria ter uma cartilha igual quando a gente estudava quando era criança (estudante Altair).

A senhora podia escrever esta palavra no quadro pra gente repetir 20 vezes no caderno, acho que assim a gente aprende de verdade (estudante João).

Percebemos também que o retorno dos discentes à escola, na maioria das vezes, é marcado por insegurança, medo de errar, perspectiva da continuidade dos estudos, entre outros fatores influenciados pela sua trajetória de vida, estes obstáculos aos poucos vão sendo vencidos "Eu não gostava de falar muito, tinha medo, depois que comecei a participar das aulas, estou falando melhor" (registro docente, estudante Regina, 2008).

De acordo com os registros docentes, a volta à escola também revela o desejo de dar continuidade aos estudos, a realização de um sonho profissional, um melhor desenvolvimento da leitura e da escrita e a conquista de "respeito" social, como se a escola fosse respaldar o direito à cidadania:

Eu voltei para aproveitar a oportunidade de continuar os estudos, tentar recomeçar de onde parei. Eu quero muito concluir ao menos o ensino médio e quero e preciso aprender informática, aprender a expressar, ler e escrever melhor quando falar com alguém (estudante Inês).

Eu voltei para escola porque sempre tive vontade de ser alguém respeitada pelos outros, tipo às pessoas que são mais estudadas às vezes humilham a gente em olhar e até em palavras (estudante Amantino).

Meu desejo é para eu aprender mais a ler e escrever para realizar o meu desejo. É de ser enfermeira (estudante Ana).

Eu voltei à escola para aprender mais apesar da idade eu ainda quero ser uma professora de Educação Infantil se Deus quiser e ele quer (estudante Ilelia).

Apesar de não ter muito tempo, pois a idade já está um pouco avançada. Mesmo assim eu quero aproveitar bem esta oportunidade que nem todos têm (estudante Clarinda).

Eu pretendo ler bem a sagrada escritura e me expressar melhor (estudante Osmarina).

Eu voltei para estudar porque eu preciso aprender escrever e ler e fazer contas. Eu preciso aprender a passar um cheque (estudante Antônio).

Neste sentido, vimos a partir dos relatos dos estudantes o desejo de retornar à sala de aula e continuar os estudos. Entretanto, a falta de apoio familiar e das relações sociais onde estão inseridos constituiu-se nos maiores obstáculos para permanência destes sujeitos na escola.

Um dos fatores que surge como apoio ao processo de escolarização destes sujeitos no Programa de Escolarização dos Servidores foi à flexibilização no tempo de aula (duas horas por dia), a liberação do serviço uma hora antes ou uma hora após o expediente, o fornecimento de vale transporte e as especificidades dos conteúdos curriculares, respeitando os conhecimentos destes estudantes inserindo os eixos temáticos cultura/trabalho (anexo1).

Na realidade, todas estas condições de funcionamento do Programa de Escolarização, não representam *presentes* ou *merecimentos* aos servidores mais aplicados no trabalho, surgem como reparação do direito negado à educação, que determina ao poder público a oferta de atendimento, pois conforme a Lei de Diretrizes e Bases:

Art 1º - A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Art. 2º - A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios da liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (LDB, 1996).

A história de muitos destes estudantes vem marcada pelo cerceamento da liberdade, pela limitação de suas ações, seja pela família, seja pela sociedade em geral, inexistindo uma legislação que pudesse dar conta dessa situação que predominava em nosso país. Enquanto a equipe do governo militar (1964-1985) estudava como fazer valer os interesses da ditadura (Saviani, 1996), muitas pessoas se viam excluídas da oportunidade de manter-se escolarizadas. É válido enfatizar, escolarizar-se não para dominar, mas para agir coletivamente, viver equanimemente nessa sociedade marcada pela exclusão.

### **3. A (RE) CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS: um debate das especificidades das produções dos(as) educandos(as) e educadoras**

Com a modalidade EJA, percebemos também especificidades ao trabalhar com os eixos temáticos, pois os discentes traziam idéias pré-concebidas de uma educação compartimentada, baseada numa perspectiva típica da modernidade:

A modernidade concebeu o humano dividido em compartimentos estanques. A partir da visão newtoniana, conhecimento-emoção-ação são esferas incomunicantes absolutamente independentes. Do ponto de vista social, impôs-se uma confiança ilimitada nos poderes da razão e em que a ciência impulsionaria o progresso permanente, se os seres humanos se mostrassem capazes de dominar seus sentimentos e disciplinar sua ação a reboque dos ditos da razão [...] o homem pensava-se radicalmente separado da natureza; observador e observado eram termos rigorosamente separados (NAJMANOVICH, 1995, p. 33).

Sendo assim, um outro desafio foi dialogar com os estudantes sobre as possibilidades de interação e articulação dos conteúdos (anexo 2). Como forma de exemplificar esta ação, buscamos relatar uma das aulas realizadas (dias 02 e 03 de junho de 2008) onde foi proposto um debate com as seguintes questões:

- O que vocês aprenderam até agora?
- O que vocês estão achando das aulas?
- Quais as maiores dificuldades?
- O que vocês acham que pode ou deve mudar?

Todos foram unânimes ao avaliar que estão aprendendo muito. Entretanto, apontam questões relacionadas às dificuldades e sugestões de mudanças:

Eu acho que a gente pode avançar mais, com coisas difíceis como: raiz quadrada, fração [...] eu penso que de primeiro o estudo era mais difícil, hoje em dia é tudo mais fácil [...] eu tenho um pouco de dificuldade quando é pra escrever, eu agora que to começando a ter idéia pra escrever [...] Acho que a gente podia fazer mais redação (estudante Lúcia).

Eu acho assim, nós aprendemos muito, todo mundo aqui tem dificuldade em alguma coisa [...] Eu sei matemática, português pra mim é mais difícil (estudante Pedro)

Eu acho que tem muita coisa que a gente estudou e não lembra mais e nem sabe pra que, eu não sei pra quer aprender raiz quadrada! (estudante Jovenita).

Eu tenho também dificuldade em escrever, ter idéia pra escrever [...] Acho que o tempo aqui é muito pouco [...] a prefeitura podia dá mais tempo pra gente estudar (estudante Joel).

De acordo com Santos (1996), acreditávamos ser necessário "[...] voltar às coisas simples, a capacidade de formular perguntas simples [...]" (Santos, 1996, p. 6), buscávamos ir além da perspectiva moderna, numa nova apologia, uma nova retórica, em que ensinar e aprender não são, em tempo algum, duas medidas e duas moedas. Para tanto, precisávamos aprender e apreender aquilo que os estudantes traziam em sua história de escolarização, o que nos fez solicitar que escrevessem a respeito dos conceitos que eles têm sobre algumas áreas do conhecimento (matemática, Português, História, Geografia, Ciências e Arte), como ilustra o registro de campo do educador:

- Português: leitura, escrita, produção de texto.

- Matemática: as quatro operações, medidas, leitura e escrita dos numerais, viver com dignidade (trabalhamos com dinheiro, salário mínimo e fizemos problemas), gráficos.

- História: Descobrimento do Brasil, Tiradentes (a História que Clarinda contou), História do Bairro, História de Picasso, Vitória é uma ilha, a história dos Bairros de cada um da sala, Paulo Freire, Greve dos motoristas, Direito de Greve.

- Geografia: continentes, quarteirão, os movimentos da maré, mapa do Brasil, mapas dos municípios.

- Ciências: meio ambiente, dengue.

- Artes: capoeira, artesanato, cozinhar, mosaico, louvores, dançar, pintura de pano, fazer unha, lavar roupa, jogar bola.

A partir das discussões o grupo tentava localizar os conteúdos, às vezes ficavam em dúvida sobre a que área de conhecimento pertencia:

[...] Eu acho que a História de Picasso tá em conhecimentos gerais [...] Eu acho que tá em História [...] Acho que Viver com dignidade tá em matemática, a gente falou em dinheiro, salário mínimo, isto usa números e números é matemática [...] Mas também a gente usou mapa e mapa é geografia [...]

[...] Tem aula de português que também entrou matemática e artes [...] a gente trabalhou tudo num dia só.

É mesmo a gente tá aprendendo tudo ao mesmo tempo sem dividir [...] É melhor assim, tá sendo mais fácil.

Percebemos a partir destas aulas que estávamos conseguindo alguns avanços em nossos debates, pois os estudantes passam a perceber que a perspectiva de ensino x aprendizagem perpassa por um novo paradigma: "[...] a idéia de conhecimento como rede" (Machado, 1995, p. 134).

Buscamos assim, nos momentos de formação/ planejamentos a identificar os conhecimentos validados pelos estudantes sistematizando aos conteúdos escolares, por meio de práticas educativas que passaram a fazer parte das rotinas de aula, como: trabalhos de grupos, debates, aulas de campo, filmes, variedade de gêneros textuais, linguagem visual, apresentações culturais (anexo 3).

Todas estas produções foram possíveis a partir de pesquisas, consultas aos livros didáticos e a resignificação dos conteúdos, sendo que os registros serviram como instrumentos de avaliação e planejamento para novas ações (anexo 4).

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho desenvolvido nos faz reconstruir os conceitos da ação docente, ultrapassando práticas tradicionais. Aprendemos muito com os nossos estudantes na fazenda *Liberdade do Chury (anexo 5)*, quando eles contavam as suas histórias na varanda daquela casa, falavam das plantações, do trabalho no campo, da divisão de lucros, do cuidado que tinha que ter com o solo. Enfim, assim como em outros momentos, aprendemos que trabalhar com os adultos requer atentar para aspectos específicos, que envolvam o respeito ao ser adulto que tem como ferramenta o trabalho e não o brinquedo como a criança; o diálogo como ferramenta permanente, sempre partindo do conhecimento do aluno para depois sistematizar os conteúdos como possibilidade de validar estes conhecimentos; materiais didáticos e recursos que devem ser (re) construídos, tendo um livro como ponto de partida e não como o único recurso; espaços que não devem se limitar à sala de aula, entre outras possibilidades que dependem de cada turma, de cada aula. Neste sentido, os docentes necessitam estar unidos nos planejamentos para pensar coletivamente suas ações.

Assim, apesar dos constantes desafios, pois nada está pronto, tudo é construído no coletivo, temos a possibilidade de desenvolver ações educativas se buscarmos ouvir os nossos estudantes e a olhar suas idiossincrasias, com sua história, com seu conhecimento, que outrora esteve impregnado de senso comum, avançando para um conhecimento sintético do mundo em que vive.

A idéia de redes[6] favorece ampliação deste aprendizado, sob novo paradigma, um paradigma que vem para "incluir", se instaura reflexões de novas posturas, novas construções de um conhecimento que não é unidimensional, é plural e coletivo. Nossas ações têm demonstrado o avanço qualitativo desses sujeitos a partir de propostas específicas e desafios constantes na prática pedagógica.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Congresso Nacional. **Constituição Federal da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CEB 11/2000**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos: Brasília: MEC, 2000.

MACHADO, N.J. **Epistemologia e didática**. São Paulo: Cortez, 1995.

NAJMANOVICH, D. **El Language de los vínculos**. In: DABAS, E. e NAJMANOVICH, D. **Redes: el language de los vínculos**. Buenos Aires: Paidós, 1995.

Prefeitura Municipal de Vitória. **Proposta de Implementação da Modalidade EJA no Sistema Municipal de Educação de Vitória-2008**.

Prefeitura Municipal de Vitória. Disponível no site: [http://www.vitoria.es.gov.br/secretarias/escola\\_gv/](http://www.vitoria.es.gov.br/secretarias/escola_gv/) em 2008.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1996.

---

[1] O projeto *Por uma PMV Alfabetizada* foi implementado em parceria com o Serviço Social da Indústria (Sesi), aproveitando o programa de alfabetização do Governo Federal, *Por Um Brasil Alfabetizado*.

**[2] A Escola de Governo de Vitória foi criada pela Prefeitura de Vitória em junho de 2006 com o objetivo de investir na formação e na valorização dos servidores municipais.**

[3] Dados adquiridos por meio de uma pesquisa documental na Escola de Governo.

[4] Quando trabalhamos o conceito de "classes", referimo-nos a perspectiva marxista por onde se fragmenta aqueles que detém o capital, daqueles que precisam vender sua força de trabalho, incluindo aqui uma outra categoria: os que compõem o Estado Burguês na sua perspectiva administrativa.

[5] O primeiro segmento representa da Modalidade EJA as turmas de 1ª a 4ª séries.

[6] De acordo com Machado (1995), [...] a idéia de rede como metáfora para o conhecimento; a diversidade dos fios que podem ser inicialmente entrelaçados para compor uma idéia de rede fecunda e operacionalizável[...].